Teixeira e Silva

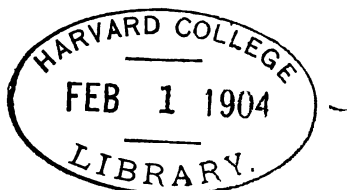
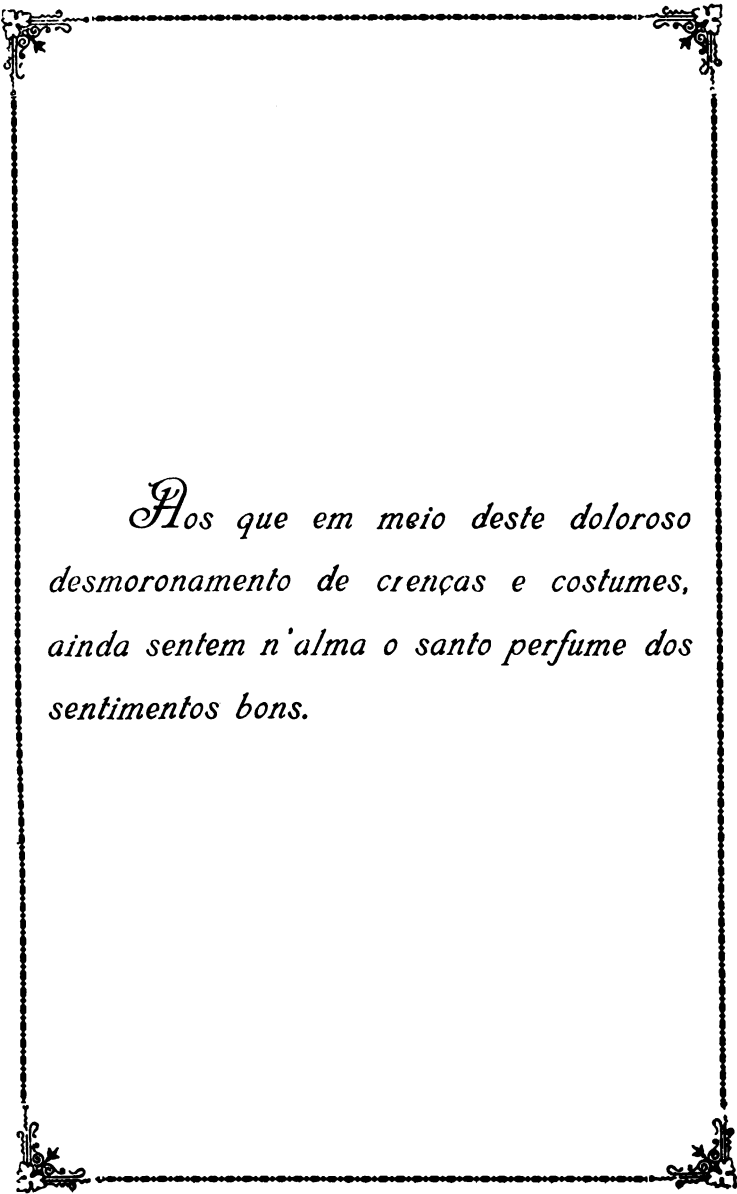
Rio de Janeiro

1901

Teixeira e Silva

VERSOS

Rio de Janeiro

1901

DEDICATORIA

Aos que em meio deste doloroso desmoronamento de crenças e costumes, ainda sentem n'alma o santo perfume dos sentimentos bons.

VERSOS

Aos Viandantes

Por força do Destino caprichoso e vario
Todos temos na vida a ascensão de um Calvario
Vencendo a treva immensa e tragicos escombros
Co' uma Cruz invisivel presa aos nossos hombros.
Em todo o cardo secco que margina a Estrada
Fica morta uma Esp'rança e uma Illusão crestada.
Do nosso coração alanceado e exangue
Vão cahindo aos punhados as rosas de sangue
Exhalando o perfume sancto da Paixão!

Sobre as ruinas dos Sonhos, ergue-se a Razão
Como um facho a espalhar immensa claridade,
Mostrando-nos em tudo a gélida Verdade.

....

E' do cimo da Dôr, d'esse Horto silencioso,
Que lançamos um olhar immenso, carinhoso,
A's desertas planicies d'uma infancia morta.
Ai! que immensa saudade o coração nos corta
Vendo apenas ao longe as brumas do Passado
Cobrindo esse risonho, esse enxame doirado
De Sonhos, Esperanças, Graças e Illusões
Que creámos outr' ora em nossos corações!

Era uma Crença ingenua a nossa doce Crença,
Esperarmos cahir do azul da téla immensa
A escada de crystal que nos désse subida
A's bellas regiões serenas d'outra Vida!

....

Bendictos os que podem no fim do martyrio
Sentir voar ao Céo tão branca quanto um lyrio
A Alma como uma pomba meiga e divinal
Qne volta pressurosa ao longiquo pombal!

Bendictos os que têm nos extremos da Dôr
Como um balsamo sancto, a lagrima de Amôr
Despredendo-se bella, tremula e leal
Dos olhos de quem foi seu unico Ideal!

Oh! sim, porque passar esta Vida ficticia
Sem amar nem sentir de uma outra alma a caricia,
E' nascer por um dia sem Sol e sem ar
E morrer n'uma Noute sem astros nem luar!

Vós que pairais no Sonho e que trazeis no peito
O Amôr — como uma Crença pura e immaculada,
Risonho como a luz que brilha na Alvorada
Sonhando como um anjo no materno leito;

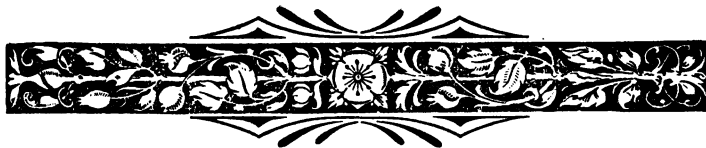
Oh! vós que inda tão longe andaes da Realidade
E que n'Alma sentis essa crença sincera
Que é como em dia azul de alegre primavera
Uma ave desferindo um canto em liberdade;

Fazei do vosso Affecto a rasão do viver —
Que o vosso coração á piedade aberto,
Será como uma fonte em árido deserto
Onde o que morre á sêde encontra o que beber!

Dai-o como um consolo raro n'este mundo
A'quelle cujo olhar a lagrima humedece;
Pois para elle o Amôr é o mesmo que uma préce
Que um padre balbucia ao pé de um moribundo.

Quando a lagrima é dôr, a dôr sempre é sagrada:
Quer cahisse dos olhos meigos de Maria,
Quer deslise das faces da mulher judia
E' a lagrima sempre sancta, immaculada.

Quando um dia em voss' Alma a rútila esperança
Estiver como o Sol nas nuvens, sepultada,
E a Descrença invadil-a, lugubre, pesada,
Deus sorrindo olhará a concha da balança

Onde brilham, como ouro os sentimentos puros:
Tudo quanto do peito houverdes dispendido,
De novo ser-vos-há do Céo restituido
Bem como o pagamento de elevados juros.

Fé e Amôr

(Ao meu Ideal)

Eu não tenho um sorriso ironico e ferino
Quando vejo diante de um altar alguem
Pedindo que na estrada immensa do destino
Haja sempre um clarão benefico e divino
Que illumine os abysmos que essa estrada tem.

Eu não sorrio nunca quando vejo em pranto
Alguem erguer aos Céos os olhos supplicantes,
Porque além do soffrer que é grandioso e santo,
A verdadeira Fé nunca resplende tanto
Como na hora em que vibram dores cruciantes.

Seja o Milagre um mytho e seja a Fé um Sonho
Que vá do berço em flor á campa mysteriosa;
Mas esse Sonho é bom, é placido, é risonho:
Sem elle tudo fôra lugubre e enfadonho
E a vida uma prisão cruel e tormentosa.

Quando a fé é real, ninguem supplica em vão:
A Alma que sóbe pura e se transporta além
Nas espiraes azues da doce adoração,
Traz sempre ao regressar a todo o coração,
O conforto da Esp'rança e a caricia do Bem.

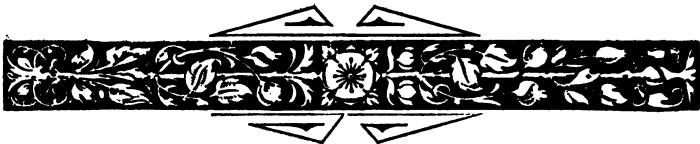
....
....

Quantas vezes tambem, cheio de Amor, Imagem
Da Pureza, do Amor, da Graça e da Doçura,
Eu te evóco e supplico que me dês coragem
Para que o coração não morra na voragem
Vulcanica da Dor que o queima e que o tortura!

Acaricia-me a Alma o teu sorriso puro
Como um brando, ideal e perfumado arminho;
Eu vivo ao teu sorriso preso, tão seguro,
Como a hera que nasce e morre sobre um muro,
Como um passaro implume ao alcatifado ninho.

E no extase do Amor, as nossas almas puras
Enlaçadas subindo á maxima emoção,
Esquecidas das dores e das desventuras
Parecem duas pombas juntas que ás alturas
Do Céo azul sem fim voando alegres vão!

Mas se um dia faltar-me o teu sagrado Amor
Este Amôr que é a Fé que me inspira e me guia,
No logar da Esperança surgirá a Dor,
Nascerá um espinho onde morreu a flor
— Me cortarás da vida o fio da magia. —

Mater

Mãe piedosa que do eterno espaço
Lançaes um olhar ás pobres creaturas,
Abençoando as que dormem n'um regaço,
Perdoando ás que vão p'r' as sepulturas ;

Oh ! Mãe que não cahistes de cansaço
Velando por Jésus preso ás torturas,
Desde que a Morte poz-lhe o rosto baço
Até que resurgiu para as alturas ;

Doce fonte do Bem, fonte do Amôr,
Primavera da Crença, eterna Flôr,
Flôr que do Céo manda o perfume a terra ;

Dae-nos nas horas negras do martyrio
Essa resignação que como um lyrio
Branco e immortal o vosso peito encerra !

Bem Supremo

Que te não cause, minha amiga, espanto,
Oh! anjo, oh! flôr, oh! perola luzida,
Se eu confessar-te que tu és-me a vida
E d'esta vida ó meu maior encanto.

Quando as mãos postas para o Céo levanto,
Alma cheia de espr'ança indefinida,
Bem sei que a minha supplica é ouvida,
Que Deus te envolve em seu divino manto.

Ai ! é por ti que eu peço oh ! pomba mansa
Por ti, que és o sorriso de esperança,
De que minh' alma sempre se reveste...

Como eu fôra infeliz se não vivesses,
Ou se por outro um dia me esquecesses,
Oh ! sacrosanta dadiva celeste !

Viuvo

CANTAVA... Meio occulto na ramagem
Verde e louçã da macieira em flôr,
Era uma aria ternissima de amôr
Inspirada no Sol e na folhagem.

Como temendo perturbal-o, a aragem
Passava leve, cauta, sem rumôr,
Fazendo com que o dulcido cantor
Nem lhe sentisse os beijos na plumagem.

Ah! que vida ideal! Que bella vida
D'essa ave que as florestas habitava
Sem suspeitar sequer de ser ouvida,

Pensava alguem... Mas quem assim pensava,
Sentindo alma de amôr embevecida
Que fosse lá saber porque cantava!

Flor Lethal

Devo a ti todo o Bem e todo o Mal...
Os dias de ditosa claridade
Bem como as noites de infelicidade
Tudo... tudo... a ti devo, ó Flôr Lethal!

Sim... Pois se o Amôr o nosso peito invade
Como um Bem sobrehumano e sideral
Ai! fere-o a Ingratidão com a impiedade
D'um agudo e friissimo punhal...

Antes nunca na vida eu t' encontrára,
Pois te não encontrando, eu não te amára,
Nem desse amôr tivera a dôr infinda...

Quero esquecer-te e penso em odiar-te :
Mas procuro-te afflicto em toda a parte
E sei que o coração é teu ainda !

Enlevação

ANJO celestial que envolto em claridade
Estendes sobre mim as azas côr de opalas,
Eu oiço um ciciar d'aves na immensidade
Quando tu fallas!

E sinto que minh'alma se illumina e exulta,
Bem como o coração exulta de feliz,
Quando o teu labio em flôr um riso não me occulta
E me sorris;

Vejo que do teu riso casto e illuminado
Um rebanho phantastico de estrellas sahe,
Sem que o meu pobre olhar fitando-o deslumbrado
Saiba onde vai;

Ah! Deus que assim te fez tão pura e tão formosa
—Olhos que são dois céos—céos de innocencia e amôr—
Que imprimiu-te o perfume e a mesma côr da rosa,
E fez-te flôr;

Elle que deu-te a Graça excelsa no sorriso
Que o meu olhar contempla e que minh'alma adora.
Sentindo-se levada para um Paraiso
Por essa auróra;

Deus que fez tua voz das outras differente
— Voz que encanta e domina, dulcida, suave —
E fez-te assim tão casta, timida e innocente
Como é uma ave;

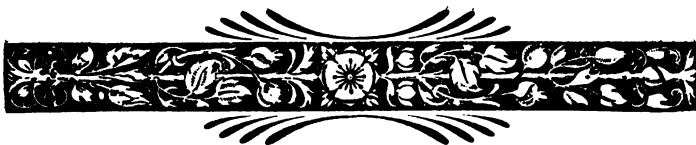
Não foi para que um pobre e misero mortal
Maculasse teus labios com impuros beijos...
Que nunca se macúla o que é celestial,
Nem com desejos!

Ave Celeste

HÁ dentro de minh'alma uma ave que esvoaça
E que desfere um canto cheio de harmonia
Quando a nuvem do tedio dentro em mim perpassa
Rolando tristemente vagarosa e fria...

Que nunca possa a Morte dar-lhe um dia caça,
Pois que se ella morresse, eu certo morreria
Sob o peso tremendo da maior desgraça
E sob a mais pungente e intermina agonia.

Oh ! bella companheira e amiga dedicada,
Ave feita de luz, de rosas perfumada,
Mysteriosa e meiga e placida Esperança!

Oh ! ave ! Tu que és meu unico remedio,
Não me deixes um dia succumbir de tedio,
— Canta e vôa em minh'alma, carinhosa e mansa. —

Magdalena

PENETRARA no Templo illuminado
E ajoelhou-se. O olhar baço de pranto,
Sem levantar-se bem dizia quanto
A penitente havia já chorado...

Ninguem lhe via o rosto ajasminado
A que o véo emprestava todo o encanto ;
Toda de lucto : desde o véo ao manto
Era um lucto tristissimo e pesado.

Orava... era o perdão que ella pedia
Erguendo os olhos cheios de agonia
Como se ao Céo fosse su' alma em vôo...

E chorava, sem ver que o compassivo
Jesus, da Dôr o eterno lenitivo,
Dizia-lhe com o olhar — « Eu te perdôo !... »

Confissão

Para inspirar-me amor, não basta a formosura :
Amo-te muito, filha, porque és casta e pura...
Para o goso infinito de minh' alma, basta
Sonhar-te assim tão bella, assim tão pura e casta
E ver com alma a aureola mystica e divina
Que a tua fronte branca e angelica illumina.
Eu quando as mãos te tomo e as beijo com fervor
Não sei se o faço apenas por ternura e amor ;
Em mim morre a paixão estupida e selvagem
E oscúlo-as como um crente oscúla as de uma Imagem.

E' na serena luz do teu sereno olhar,
Melancholico e meigo e doce como o luar
Que eu sinto a vibração enorme, funda, immensa,
D'esta consoladora e extraordinaria crença.

.. ..

Sem tua benção, anjo, sem teu brilho, estrella,
Sem teu perfume casto, ó açucena bella,
Sem a tua caricia ideal e innocente,
Não seria este Sonho, um sonho certamente
Suave e perfumado, placido e risonho,
Que eu não sei se é humano ou se sidereo sonho!...

....

Magna Dolor

Vós vos queixaes oh! cego, porque nada,
Nada no mundo contemplar podeis,
E blasphemais contra immutaveis Leis
Que sem tremer promulga a Mão Sagrada.

Podesse eu dar-vos toda a luz magoada
De meus olhos, tirando-a d'uma vez,
E eu minorasse o mal que vós soffreis
Que a minha dôr seria minorada.

Se nada vêdes, menos vós sentis,
Deus que é Justo, cegando-vos, decerto
Quiz que assim fosseis menos infeliz.

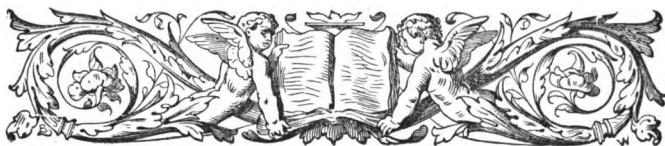
Ora ter vista!... que me serve tel-a,
Se essa a quem amo e tenho-a quasi perto
Nem sequer posso olhal-a, posso vel-a!

Melancholia

Nós sentimos ás vezes um secreto mal,
Uma dôr mysteriosa que acabrunha e corta,
Como a gélida e aguda ponta de um punhal
Que contra o coração parece que se entorta...

E' uma dôr pungente, é uma dôr mortal
Que ás outras regiões o espirito transporta,
E parece o vibrar d'uma nota final
Que n'um longo soluço vai quedar-se morta.

Não ha entre as humanas dôres, outra dôr
Que mais nos martyrise e mais fira e desole
— Tão grande, tão intensa, tão cruel, tão forte —

Do que essa, que se envolve na mais negra côr,
Do que essa, que não há chimera que a console
E que é como um preludio mystico da Morte...

Velhice Precoce

Oh! não vos espanteis, velhos, que em sonhos
Passaes a vida entre sorrisos francos,
Se virdes pelo mundo alguns tristonhos
E pobres moços de cabellos brancos...

Notai que nos seus lividos semblantes
A Dôr deixou tão indeleveis traços
Que os tomarieis por visões errantes
Funebres, tristes com seus rostos baços!

Nem toda a vida tem na sua aurora
A luz cariciosa da alegria :
— Quantas vezes o sol tanto demora
Que só scintilla ao expirar do dia ! —

Quantos de vós haveis envelhecido
Na mais doce e suave transição,
Sem uma dôr sequer terdes sentido
Que vos entristecesse o coração ? !

E' a primeira e amarga desventura
Que o cabello primeiro lhes prateia,
E quando os fios todos são brancura,
A alma de magoa está repleta, cheia...

Que grande engano e que illusão a vossa !
Sem que a voss' alma a menor dôr sentisse
Julgaes que só a longa idade possa
Imprimir-lhes os traços da velhice !

Morta

(Contemplando um anjo)

Que mal fizeste tu oh! innocente,
Oh! branca e pura e candida creança
Para que succumbisses á vingança
Da Morte féra, barbara, inclemente?

Tu, borboleta trefega, contente,
Que em tudo vias sonhos de bonança,
Não chegaste a sentir esta alliança
Do sorriso e o gemido intimamente!

Mas ai! quem sabe lá tua ventura
Vendo-te fria entregue á sepultura
Livre do mal e do revez da sorte!

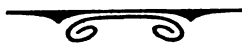
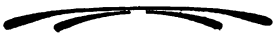
Quem sabe se não foi felicidade,
Oh! symbolo da branca castidade,
Flôr desfolhada ao vendaval da Morte!

Sarcasmo

Eu quando as vezes ponho-me a pensar
Em ti, no nosso amôr, em nossa vida,
E sonho-te em minh' alma commovida
Ouvindo o que imagino te contar;

Vem uma gargalhada despertar
Minh'alma n'esse sonho recolhida...
— E' d'uma ave agoureira que escondida
Vem-me todas as noites espreitar...—

Ri e desfére o apavorante vôo . . .
Ergo-me e accordo; tremo e a amaldiçôo
Tomado da maior superstição . . .

Mais tarde rio do meu vão temôr,
Mas fica sempre o frio do pavôr
Dominando-me inteiro o coração . . .

Idolo

Para que eu nunca mais te ouvisse a voz
Nem te beijasse a fronte angelical,
Alguem mais traiçoeiro que um chacal
E d'alma mais feroz,
Sequestrou-te de vez ao meu olhar
E á minha adoração,
Julgando assim talvez te sequestrar
A' minha immarcescivel affeição.

Mas eu que para vêr-te a todo o instante
Doce me fôra o mais cruel martyrio,
Vejo-te branca, branca como um lyrio
Aonde o meu olhar poisa hesitante...

Não te oscúlo, mas muito perto estás
De meus olhos que é só a ti que eu vejo...
A ti que és o meu Sonho e o meu Desejo
Que longe estando inda te vejo mais!

Ao despertar do somno, ao entreabrir
As palpebras pesadas, somnolentas
E's tu que dentro d'ellas te apresentas
Carinhosa a sorrir...
E eu quédo-me a ouvir como um demente
Tremulo de emoção,
Uma vóz que é a tua certamente
Dentro em meu coração.

Apaixonada

Passas as noutes longas da existencia
Pensando nesse bem que se extinguio;
E hoje, depois dessa infinita auzencia,
O vês como na hora em que partiu.

Se tu foste culpada, a penitencia
De tantos annos já te redimio;
Agora um pouco apenas de clemencia
Para o teu coração que te trahio.

Se esse bem te voltasse e a macerada
Face beijasse então purificada
Pelas lagrimas santas e leaes,

Reconquistando essa afastada estima,
Verias que quem chora e se lastima
Nem sempre é quem a magoa soffre mais!

Ruinas

ALMA ! Teus bellos sonhos, tuas phantasias,
Tuas aspirações, emfim, teus ideaes,
Foram-se todos, todos, como vão-se os dias
De nossa mocidade que não volta mais .

Tens o cunho tristonho das manhãs mais frias
E o frio que se encontra em regiões glaciaes,
Alma ! que indifferente vês as alegrias
Que esvoaçam cantando uns hymnos triumphaes.

Nunca te revoltaste contra a desventura:
Encontras em ti mesmo a placida doçura
De um riso de descrença, um riso amargurado...

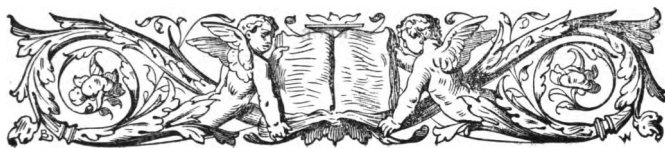
E eu sei! Tu que assim morres triste lentamente,
Podias reviver esplendorosamente
Se voltassem de novo os sonhos do passado.

Evocação

QUANDO ella penetrou na Eternidade,
Deus condoido de ferir tão fundo
O amante, que ficára a sós no Mundo,
Fez baixar-lhe do Céo uma saudade.

E então, dentro em seu peito essa amizade
Com um poder phantastico, profundo,
Crescia de segundo p'ra segundo
Chorando da divina crueldade.

Um dia em que a saudade mais vibrava
Quando uma rosa inodora beijava
Em febre preso da maior demencia,

Elle, evocando-a, pôde contemplal-a,
Branca, risonha, tal como ao deixal-a
E a rosa desprendeu a antiga essencia...

Préce

Os anjos como tu, purissimos e castos,
São interpretes nossos juncto ao Redemptor,
E vence os céos azues interminos e vastos
A supplica que fazem cheios de fervôr.

E tu vaes ser, amiga, interprete sincera
De tudo quanto aspiro e tudo quanto almejo;
Tu vais fazer por mim o que eu certo fizera
Ao teu menor aceno, ao teu menor desejo.

A' noute, no silencio fundo e imperturbavel
De tu' alma atirada ao mystico abandono,
Pede com tua voz cariciosa e affavel
— Paz ao meu coração — para os meus olhos Somno...

Supplica em tuas préces, minha doce amiga
Elevando tu' alma ás regiões sagradas,
Que eu em breve descance... E que dormir consiga
Tendo por sobre mim as noutes constelladas,

Calmas, silenciosas, placidas, divinas,
Banhadas pela luz do languoroso luar,
E que cubram-me o leito as collossaes cortinas
Do firmamento azul com astros a brilhar!

*
* *

Viver preso a uma ideia, como um condemnado
Que arrasta até á morte os ferros lacerantes,
Melhor é supplicar a todos os instantes
O somno infindo e calmo, eterno e socegado.

Ai! e essa ideia és tu que eu muito quero e adoro
Como adora ao thesouro o lugubre avarento...
Ai! tu que me sorriste apenas um momento
E fugiste ligeira como um meteóro.

Ai! Deus se me tirasse a luz esmaecida
Que meus olhos contêm, eu prestes a morrer,
Poderia inda assim, se a mim viesses, vêr
A perola que meiga e placida e sentida,

Deslisasse, deixando o sulco dolorido
Em tuas faces brancas lividas de dôr...
E fôra eu surdo embora, minha Vida e Amôr
Que ouviria decerto o teu menor gemido!

E tu, oh! minha pomba timida, medrosa,
Que esvoaças constante em minha phantasia,
Não me deixes sosinho em meio d'agonia
Sem levar aos meus labios tua mão piedosa...

Em vez do mutilado Christo semi-nú
Quero que as minhas culpas todas me perdôes
E depois me abençôes muito! Me abençôes
Já que a unica cousa em que eu creio és tu!

E como foste o Sol alegre e esplendoroso
Que davas vida e alento ás minhas esperanças,
Sê na morte o luar cahindo em ondas mansas
Phosphorecente... em meu exilio silencioso...

Ai! pede em tuas préces, minha doce amiga,
Elevando tu' alma ás regiões sagradas,
Que eu em breve descance e que dormir consiga
Tendo por sobre mim as noutes constelladas,

Calmas, silenciosas, placidas, divinas,
Banhadas pela luz do languoroso luar,
E que cubram-me o leito as collossaes cortinas
Do firmamento azul com astros a brilhar!

Supplica

CONDEMNASTE-ME á morte, coração, e a pena
Talvez não tarde muito em ser executada...
Mas deixa inda soffrer est' Alma amargurada
Para que suba ao Céo mais branca que a açucena.

Segue-me os vacillantes passos a serena
E tragica visão que nos transporta ao Nada.
Fujo.... Debalde em summa! andando socegada
Com seu halito frio aos poucos me envenena.

Concede-me inda um pouco de vigôr, Juiz,
Para que ao menos possa adormecer feliz
Concede-me chegar onde esta Dôr me arrasta . . .

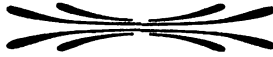
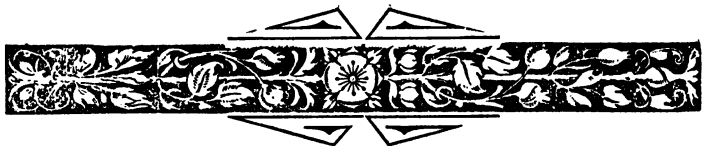
Ah! deixa-me beijar a mão branca e celeste
De quem escravo ser nem tu soubeste
Deixa-me! Um dia mais de soffrimento e basta.

Hora Mystica

Noute ... Desce do espaço a triste claridade,
D'um chlorotico e anemico luar. A brisa,
Como um ether de amôr e de felicidade
Beija-me mansamente e me sensibilisa.

E nesse beijo frio, uma tristeza invade
Toda a minh'alma langue que se aromatisa,
Do perfume divino e puro da saudade
E na face, á tremer-me, a lagrima deslisa.

Descrença ou esperança? O languido torpôr
E' suave de mais para que seja Dôr
Ou menos ainda que isso, um vago desalento.

Esperança... talvez... quem sabe se esperança,
Que eu suppunha a Saudade cautelosa e mansa,
Espalhando a tristeza no meu pensamento...

Resignada

Ah! minha Amiga! Que injustiça atróz,
Nos fazem separando-nos... Que vida
Havemos de passar tão dolorida
Por esses tristes e compridos Sóes...

Agora eu sei! Chega a tristeza apóz
Essa quadra de risos fementida...
E para que nos abram tal ferida
No coração, o que fizemos nós?

O que fizemos? Onde o nosso mal?
Amarmo-nos ?! Se é crime, é ideal
E o coração só n'esse crime influe.

Adeus meu pobre Sonho côr de rosa,
Oh! pura, oh! casta, oh! branca alma formosa,
Sejas tu mais feliz do que eu não fui!

A Creança e a Ave

I

VENDO o filho febril a estremecer
E pallido, convulso a agonisar
Tudo daria o pae para o salvar
E vel-o d'esse leito alfim se erguer.

Todos queriam contristados vêr
Esse anjo quasi proximo a voar
Para onde os outros anjos vão brincar
E aonde nunca mais podem morrer...

Já ante-viam o caixão fechado
E o louro cherubim amortalhado
Todo coberto de jasmins e rosas...

— Oh! Deus... tem compaixão do innocente! —
Supplicavam chorando intimamente
Aquellas almas bôas, piedosas.

II

Ninguem erguera os olhos para o tecto
D'essa alcova tristissima e sombria,
E se os erguesse, certo, lá veria
N'uma gaiola um passaro quieto.

O pobre não cantava... um mal secreto
Causava-lhe uma lugubre agonia;
Nem as azas sequer elle mexia
No presidio dourado ao alto erecto.

Inda mesmo que o vissem moribundo,
Talvez não o fizessem um segundo
Com sentimento e pura piedade.

Talvez que não houvesse um' alma bôa
Que dissesse soltando-o: — Oh! ave, vôa!
Vai ao menos morrer em liberdade.

III

Vós que choraes a morte de um filhinho
Oh! paes, immersos na maior tristeza,
Porque feris assim a Natureza
Roubando-lhe o cantor que habita o ninho?

Se vós o contemplaveis com carinho,
Vendo-o correr, alegre, com viveza,
Porque é que tendes a pobre ave presa
Que chora o filho que deixou sosinho?

Julgae a angustiosissima agonia
Da pobre encarcerada noite e dia
Desejando voar e sem poder...

Julgae e vós vereis a semelhança...
Se o lar quer o sorriso da creança
A mata o canto d' ave tambem quer!

Outono e Primavera

MEU amôr, ai de nós os miseros mortaes
Se Deus que tudo espreita e a vista tudo alcança,
Para a dôr não nos desse lagrimas de mais
Para cada infortunio ainda uma esperança.

Ai! de nós se depois das dôres collossaes,
Não houvesse em noss'alma a mystica mudança
Assim como no Céo depois dos temporaes,
Quando apparece e esplende um arco d'aliança.

O outono quando chega é para devastar...
E só com a primavéra as flores apparecem,
Dando o nectar á abelha e embalsamando o ar.

As esperanças que n' alma ás vezes nos fenecem,
Deixam tambem sementes que hão de rebentar
Que alastram-se mais tarde e vividas florescem!

Voz Agoureira

Que martyrio, que magua, que tortura,
Sinto, sabendo que tu soffres... Não
Que alguem m' o diga... Mas o coração
Que só vive por ti, que te procura,

Segreda-me essa grande desventura
Que para não ouvil-a tento em vão...
Quem me dera que fosse uma illusão,
Da voz que em pranto dentro em mim murmura...

Eu não indago do destino frio,
Cruel, inexoravel, que sombrio
Quadro terei se os perfidos escolhos,

Deste mar traiçoeiro da existencia,
Levar ao extremo a barbara inclemencia
De roubar-te pr'a sempre de meus olhos.

Duas Vozes

AMA... e no entanto a jura contrahida
Affasta-a desse homem. Se o deixasse
Beijar-lhe, leve embora, a nivea face
Manchal-a-ia para toda a vida.

E como a pobre sente-se impellida
Ao negro crime, como se a arrastasse
A pratical-o, uma paixão vorace
Durante tantos annos reprimida...

Crime e peccado... embora! E'-lhe impossivel
Fugir ao desenlace desse horrivel
E grande drama de maior traição...

Mas ah! se o coração tremulo diz:
— « Ama! Pois só quem ama é que é feliz »
A consciencia lhe responde —« Não ! »

Enferma

VAI morrer afinal, sem que a Sciencia
Ao menos classifique a enfermidade.
N'aquella branda e doce claridade
De seus olhos, banhados de clemencia,

Mais se acentúa a candida innocencia,
Mais transparece a meiga piedade...
Morrer... em plena e rosea mocidade
Agora que começa-lhe a existencia!

E no entretanto á beira de seu leito
O medico lhe ausculta attento o peito,
E livral-a da morte em vão procura...

Tempo perdido! A Parca vem buscal-a!
Quem teria podêr para salval-a
Se esse mal é de Amôr... que não tem cura?!

7—5—99.

Orphã

VIVIA a sós no mundo. Um monstro aventureiro
Fazia-a levantar-se, assim que o sol nascia,
Para de porta em porta mendigar dinheiro
Que lhe pagasse sempre o pão com que a nutria.

Andrajosa, descalça, suja e maltractada
Tomando pressurosa a lugubre sacóla,
Mostrava estar no officio muito acostumada
A todos snpplicando a graça de uma esmola.

E se alguem hesitava em dar-lh'a, ella insistia,
Prostrando-se de joelhos, pondo-se a chorar,
Até que a azinhavrada moeda recebia
E cobria-a de beijos antes de a guardar.

Os filhos dos burguezes, fartos, aceiados,
Insensiveis a dôr e a toda a desventura,
Como estavam de males livres, abrigados,
Olhavam com despreso a pobre creatura.

E se alguem lhe fallava ou lhe embargava o passo,
Era para jogar-lhe ao rosto uma pilheria;
Cuspir-lhe a negra affronta no semblante baço,
Escarnecer e rir da sua atroz miseria...

O garoto, o vadio, o máo e o vicioso
Postados todo o dia á porta das tavernas,
Enxotavam-n'a sempre como a um cão leproso
Atirando-lhe paus ás pequeninas pernas.

Nada lhes respondia a pobre desgraçada:
Proseguia a derrota, olhar tristonho e baixo
Corrida de vergonha, humilde, amedrontada
Pelas phrases crueis do féro populacho.

E nos seus olhos plumbeos, povoado de sonhos,
Brotavam pequeninas gottas de crystal...
—Olhos que eram dois céos doridos e tristonhos
No que a Dôr tem de sancta e a Tristeza real.

***

Enfermara. Ninguem mais recusava á creança
Um sorriso de pena e uma moéda em cobre;
De dinheiro lhe enchiam a sacóla pobre
Como se assim lhe enchessem a alma de esperança.

Mas a Dôr que sentia, sente-a o desgraçado
Que percorre o caminho que o Destino traça
E cahe por fim exhausto ao pezo da desgraça,
Finalmente abatido exanime, esmagado...

Perguntava «—Porque não trago em minhas tranças
Uns laços como as outras, vestes caprichosas,
Se tenho um corpo egual ao d'essas venturosas
E os mesmos ideaes de todas as creanças?

Nem tenho um tecto amigo para me abrigar
Das negras intemperies d'este máo destino...
Que me abandona á tôa, e tragico e ferino
Manda-me pelo vasto mundo mendigar.

Onde estará o Deus, o Grande Protectôr
Cujas obras piedosas a lenda apregôa
E que me deixa assim abandonada á tôa
Sem se compadecer de minha enorme Dôr?

E a pobre ardendo em febre e a estremer de mêdo,
Mãos mais frias que a neve, a fronte incendiada,
Tomava por phantasmas marginando a estrada
As filas collossaes do placido arvoredo...

Cada um galho que o vento além estremecia
Ou punha-se de manso lento a balançar,
Parecia-lhe logo um phantasma a acenar,
Uma horrivel visão com que se encontraria.

Foi n'um d'esses delirios, d'esses desvarios
Que a misera cahiu, olhos quasi apagados,
E vio sobre a cabeça, uns braços descarnados
E que a fitavam olhos de fulgôr vasios.

A apparição terrivel, soberana e forte
Fallou-lhe : — Nada temas. Sigo-te incessante
Perscrutando-te a Dôr a toda a hora e instante
E tive compaixão de ti, de tua sorte.

Fui eu quem te deixou a sós sem protecção
Porque matei teus paes. Tu soffres, bem o sei...
A causa de teu mal fui eu, só eu, que errei
Deixando-te sem lar, deixando-te sem pão.

A orphã percorreu o olhar allucinado
Em derredor de si ; ninguem pr'a soccorrel-a:
Em seus olhos havia o brilho d'uma estrella
Que uma gaze de nevoa tivesse esfumado.

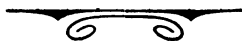
Tomada de pavôr, em ancias se estorcendo
Balbuciou « — Perdôa-me ! Ah ! eu quero viver,
Pelos prados em flôr saltitar e correr
Saudar alegre o Sol pelo céo irrompendo.

Mas a Morte tornou-lhe : « — Que farias tu
Sem teres teus irmãos, sem paes, sem lar, perdida ?
Que possiveis encantos n'esta triste vida
— Pobre arbusto de flôres e de folhas nú ?

A pobre deu um grito enorme de pavôr
E tentando fugir d'aquella apparição
Cambaleou exhausta, gelida, no chão,
Supplicando perdão n'um ultimo estertôr.

A Morte inda tomou-lhe as pequeninas mãos
E insistiu : — « Que temores afinal os teus !
Ouve tola ! Não vês que dou-te um Pae que é Deus
Um Céo para teu lar, anjos pr'a teu irmãos ?

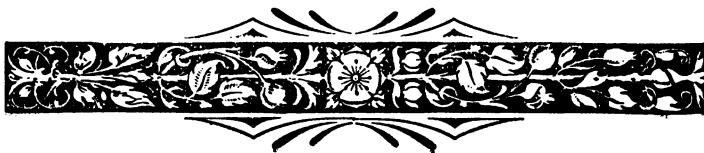
Ao menos lá terás o sacrosanto abrigo
E as almas como a tua, limpidas e sãs,
Um sol mais luminoso em todas as manhãs
Como tu nunca viste !... »

E levou-a consigo.

Tristeza de Monge

PORQUE fitára o pobre esse semblante
Cheio de graça e cheio de belleza,
Se por todos os gosos, a frieza
De seu peito findára n'esse instante.

Cessara a doce fé purificante
Que á su'alma de monge estava presa:
Amôr—já tinha no seu peito accesa
A chamma triumphal e dominante.

Quem lhe déra fugir e lacerar
A Biblia que o vedava assim de amar,
Collocando-o do mundo ermo, tão longe!

E houve quem uma vez olhando attento
As grades do tristissimo convento,
Visse chorando apaixonado monge.

Nunca...

Se tu soubesses, minha amiga, quanto
E' difficil amar, insistirias,
Acaso como insistes, tanto, tanto
Para que eu oiça as tuas phantasias?

Decerto não... Pois te fariam espanto
As torturas do Amôr, as agonias
Que sentissemos quando o negro manto
Da Dôr cobrisse os nossos roseos dias!

Sim... Podesse eu prever a eternidade
D'este bello poema de amizade
De que te mostras tão ciosa e avara...

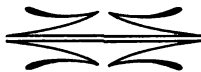
Mas reflecte um instante, pobre lyrio:
Que soffrimento immenso, que martyrio,
Se um de nós esquecesse o que jurára!

Chimera

AMANHÃ... amanhã! E' esse o grande dia
Festivo e illuminado alegre e deslumbrante,
Repleto de venturas, cheio de alegria
Que afflicto e esperançado espero a todo o instante.

E esse amanhã eterno—a sombra fugidia
Do nosso proprio sonho sempre tão distante,
Não passa muitas vezes d'uma phantasia
Que vem reconfortar-nos a alma vacillante.

Dia da remissão da Dôr... dia da Luz,
Maior que os outros dias com teu ar mais puro
Innundado do aroma d'alma de Jesus,

Talvez não chegues nunca e por um dia escuro,
Mais triste inda do que este, a contemplar a Cruz,
Eu morra sem te vêr nas sombras do Fucturo!

A Vida

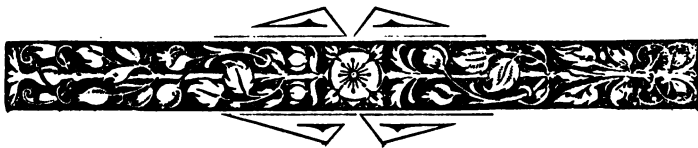
(A um atheo)

Se a vida fosse apenas isso que julgaes,
Seria muito pouco; mas a vida é mais.
Isso que nos dirige, que alimenta e guia
E' a immensa, infinita e lugubre agonia.
Não se vive entre a Lagrima e Afflicção ; vedado
E' sempre o ingresso ao Goso em coração chagado.

Ide ao fundo do carcer perguntar a um réo
Se elle póde viver sem contemplar o Céo,
A luz, o monte, o campo, a livre natureza;
E elle, responderá de certo com tristeza:
Que só em liberdade, em liberdade e em paz
A vida tem na Terra apparencias reaes.

. . . .

Para quem ama e ri e sonha e frue e gosa
A vida é uma canção alegre e venturosa.
Mas, quem de dia riu que á noute não chorasse
E não désse uma lagrima á beber á face?
Quem já teve dous sonhos de ideal ventura
Sem uma procissão de sonhos d'amargura?
E no entretanto vós, á tudo preferis
A Terra onde soffreis e vos julgaes feliz!
Sois bem digno de lastima, hospede em viagem
Que como em pagamento enorme da passagem
O corpo lhe entregaes n'um praso improrogavel
Timido, amedrontado como um miseravel!
Vós que não tendes fé na vida promettida,
Perdestes o direito ao goso dessa Vida,
E sois como o reptil que não supporta a luz
E só sabe que vive immerso nos paúes.

Para aquelle que vive só do Amôr e o Bem,
Ha depois desta vida, uma outra Vida além,
Onde uma luz sagrada, doce e soberana
Purifica e illumina a consciencia humana!

Hontem e Hoje

Tinhas os olhos humidos de pranto
Quando enxutos meus olhos te fitaram;
E o que elles n'esse instante conversaram
Nunca os labios poderam dizer tanto.

Eu desejara o lucto de teu manto
E as dores que teu peito apunhalaram:
Voltei-me contra os Céos que te orvalharam
Os teus dois Céos de mais belleza e encanto.

Foi-se-te a magoa. Eis o sorriso franco
Brincando-te nos labios. Branco, branco
Tens o vestido e o teu olhar enxuto.

Partes! Nem um remedio á minha magoa!
Não vêem os teus meus olhos rasos d'agua:
Deixas-me apenas n'alma o eterno lucto.

Praga

O meu sagrado amôr calcado friamente
Dicta-me uma vingança estupida, feroz...
Mas não... obedecer-lhe é uma vingança atroz
E que val a vingança relativamente?

Sabes: nada nos prende mais bella serpente
E nada mais por certo ha de fallar de nós!
Mas um instante ainda... attende-me esta voz
Numa praga infinita, solta amargamente:

—Has de viver e és bella! E Deus que te dê vida,
Mas tanta quanta fôr a minha consumida
Por tantas desventuras, tantos dissabôres.

Mas ah! teu coração, digo-o perante Deus,
—Morto—reviverão todos os crimes seus
E vivo ha de morrer para os demais amores.—

Pecadora

Bem como a Mãe primeira collocada
N'um Paraiso em flôr, bello, esplendente,
Por sêr a Flôr Humana perfumada,
Alma virgem do mal, pura, innocente;

Eu dei-te um dia a placida morada
Dentro em meu coração tranquillamente,
Enquanto fosses pura, immaculada,
Como um puro brilhante alvinitente.

Eva trahiu... e Deus para punil-a,
Nunca mais lhe deixou a alma tranquilla
E fechou-lhe de vez do Céo a porta.

Trahiste-me e expulsei-te de minha Alma;
Mas antes eu beijasse a nivea palma
Em tuas mãos, e te chorasse morta!...

1° de Janeiro de 1900

Anjo Máo

TEM seus olhos as côres.
Dos azulados céos na Primavera,
E como Deus a fez n'um mez de flôres,
De riso e de chimera,
Imprimiu-lhe nas carnes todo o aroma,
Toda a graça no olhar,
E com o sol dourou-lhe a bella coma
Que é como um outro sol a rebrilhar...

Na fina cutis de jasmim e rosa,
E mais que qualquer rosa assetinada,
Na cova graciosa
De seu rosto dulcissimo de fada,
Ostenta-se um signal
Que lhe realça toda a formosura...
Quando descerra os labios de coral,
E um riso de ternura
Deixa escapar para que alguem o goze,
A deslumbrante diva
Tem nesse riso a sua apotheose
Como se fôra alguma Santa viva.

Vendo-a, dirieis : — Certo é uma Santa
Uma perfeita e pura Divindade,
Tanta a doçura de seu rosto, tanta
A sua magestade.

Quem no marmore um corpo assim talhára
De tão correctas linhas,
Como o della que veiu ao mundo para
A inveja das rainhas ?

E quantos reis, soberbos, poderosos,
Desses que têm vassalos aos milhões,
Thesouros numerosos
Roubados ao suor das multidões,
Haviam de vergar-se apaixonados
Ante a Mulher-Poema,
E sentirem-se até envergonhados
Por ser-lhes pouco ainda um diadema!

Mas seus labios ignavos
E rubros, que jámais mudam de côr,
— Duas viçosas petalas de cravos,
Nunca exprimiram a palavra — Amor.

Nem abriga sua alma os sentimentos
Ternos e castos que os seus olhos contam,
Porque morrem momentos
Depois que nella levemente apontam...

Segue de braço com o infortunio a estrada,
A via-dolorosa
Do vicio, que a fará tão desgraçada
Quanto de todas é a mais formosa.

Os seus beijos repletos de doçura
E mornos, sensuaes,
Lançam n'alma dos homens a loucura
De que por certo não se curam mais.

São beijos portadores da desgraça
Os beijos dessa bocca,
Que aonde poisa ou levemente passa
Deixa em triumpho mais um'alma louca...

E presa e dominada
Por esse encanto irresistivel, forte,
Pobre alma! envenenada,
Sorri de gozo escarnecendo a Morte.

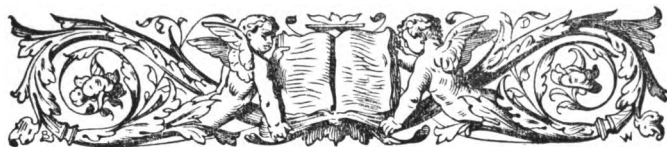
Se a visseis vós, chamal-a-ies Santa!
Santa das Santas, pura Divindade,
Tanta a doçura de seu rosto, tanta
A sua magestade...
Sem saberdes que o riso que illumina
Aquelle rosto idéal,
E' uma arma com que tudo extermina
O bello e poderoso Anjo do Mal!

Coração Mudado

AQUELLE coração que dei-te outr'ora
Transbordando de amôr e de esperança,
Soffreu tão grande, tão brutal mudança
Que sendo meu o desconheço agora!

O Amôr que tudo vivifica, e enflora
Que de rir e cantar jamais se cança,
Abandonou-o, e, agora em segurança
A Dôr entrou e lá fechou-se e mora.

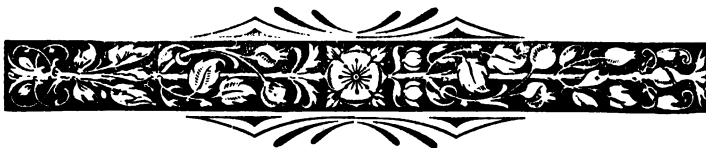
Emmudeceu aquella vóz querida
Qual harpa eolia a vibrar um hymno á Vida
Hymno que toda uma existencia nutre...

E cada fibra se retorce e estala
Como se forcejasse em arrancal-a
O bico ferreo d'um sinistro abutre.

Infernos

Os padres lá nas suas confissões,
Feitas em nome d'elles e do Eterno,
Censurando-nos, fallam-nos do Inferno
E enchem-nos a alma de superstições...

Fazem-nos recitar as orações
Que nos deixam o peito calmo e terno
E com desvelo dulcido paterno
Desviam-nos das negras tentações.

Muito rio de vós, padres e crentes!
De vós, de vossas crenças innocentes
Quando de santos pretendeis a palma!

Não me assusta a ameaça, porque Deus
Não tem entre os infernos seus
Maior inferno do que trago n'alma...

Pendula

QUANTOS annos tu viste deslisar
Pendula antiga, cuja voz sonora
Marcou da minha vinda ao mundo a hora
N'um dia azul cheio de luz solar...

Ai! quantos annos, quantos! Meu olhar
Com que saudade immensa se demora
Em ti, por ver-te no silencio agora
Como sobre o passado a meditar...

Coração! Quantas horas de alegria.
Quantos annos de lugubre agonia
Tens tu contado e esse contar não finda...

Quantos dias risonhos de ventura,
Quantos seculos negros de tortura,
Pendula! tens de me contar ainda!?

INDICE